VII Semana de Letras Língua Portuguesa e Literaturas
LINGUAGENS, SABERES E DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA
17 A 19 DE SETEMBRO DE 2025
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – CAMPUS VI / CAETITÉ

ENTRE O SILENCIAMENTO E O ESPERANÇAR: IDENTIDADE DOCENTE E OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Juliana Sousa Araújo[1]
Aparecida de Fátima Brasileiro[2]

[1]Universidade do Estado da Bahia, jujulianaaraujo164@gmail.com
[2]Universidade do Estado da Bahia, abrasileiro@uneb.br

Palavras-Chave: Identidade Docente; Silenciamento; Esperançar; Estágio Supervisionado.

INTRODUÇÃO

A educação atravessa a vida de todos nós. Em diferentes contextos, tempos e espaços, somos desafiados a aprender, desaprender e reaprender. Contudo, quando assumimos o papel de quem ensina, esses atravessamentos ganham novas camadas. É nesse processo que a figura do professor em formação se revela essencial, pois habita um lugar de construção, dúvida, experimentação e conflito. Assim, este trabalho objetiva refletir sobre minha experiência em uma turma de 35 alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II, discutindo como os significados construídos a partir desse contato direto com a sala de aula influenciaram o processo de construção da minha identidade docente, revelando desafios que impactaram minha percepção enquanto futura professora e despertaram sentimento de insegurança, silenciamento e fragilidade.

O estágio supervisionado configurou-se, assim, como um espaço de enfrentamentos e descobertas, onde foi possível problematizar, construir e fortalecer minha identidade docente. As vozes externas e internas provocaram um intenso processo de autoconfronto e reconstrução, revelando o estágio não apenas como um momento de prática, mas como um território formativo repleto de sentidos, afetos e movimentos internos.

Apesar das dificuldades, não me deixei paralisar. Ao contrário, o desconforto impulsionou-me à reflexão e à ação. O que relato aqui não é apenas o que fiz enquanto estagiária, mas o que senti, questionei e elaborei nessa caminhada. Desse modo, mais do que uma experiência, esse processo reafirma a importância do esperançar como uma prática consciente e crítica, aquela que insiste, mesmo diante do cansaço, em seguir acreditando na força da educação.

METODOLOGIA

Este trabalho constitui-se como um relato de experiência baseado em uma abordagem qualitativa de natureza reflexiva. A vivência relatada ocorreu no contexto do Estágio Supervisionado III, realizado em uma turma do oitavo ano do Ensino Fundamental II.

A metodologia adotada apoia-se na observação participante, nas anotações feitas durante o estágio e, sobretudo, nas reflexões subjetivas desencadeadas pelas experiências em sala de aula. Trata-se, portanto, de uma escrita que emerge do atravessamento entre o vivido e o pensado.

Assim, a análise aqui proposta não tem o intuito de descrever objetivamente os acontecimentos, mas de compreender os sentidos construídos a partir deles, tendo como fundamento o olhar sensível da realidade do estagiário/professor, os impactos do processo e os diálogos estabelecidos com autores que pensam a identidade docente e o esperançar diante de contextos desafiantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estágio supervisionado é um espaço de confronto, descoberta e construção da identidade docente. Esse cenário possibilita nos formar professores. Para Pimenta e Lima (2011), "a identidade do professor é construída ao longo de sua trajetória como profissional do magistério. [...] Sendo o estágio, por excelência, um lugar de reflexão sobre a construção e o fortalecimento da identidade [...]" (p.62).

Formar-se professor é um processo peculiar e profundamente humano. De acordo com Nóvoa (1992), "a identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão" (p.16). Assim, a identidade docente não é algo fixo ou acabado, ela é múltipla, híbrida e em constante transformação. Nesse sentido, o estágio não é apenas um momento de aplicar o que se aprendeu, mas também de se reconhecer, de se enxergar no papel de quem ensina e, ao mesmo tempo, aprende com a realidade da sala de aula.

Compreendo, a partir da minha própria vivência, que o estágio é um espaço potente para pensar o ser docente. Nele, a gente se vê, se escuta e se descobre pelo olhar do outro: dos alunos, do professor regente, da escola, das situações que nos atravessam. A identidade profissional vai sendo tecida aos poucos, com cada experiência vivida, bem como com cada desafio enfrentado.

Durante o meu estágio, experienciei um contexto bastante desafiador: uma turma com 35 alunos, onde a maioria não demonstrava interesse pelas atividades e havia um barulho constante. Apenas alguns alunos demonstravam respeito e atenção, mas o comportamento da maioria dificultava o processo de ensino e aprendizagem. Isso me provocou reflexões profundas, porque o cenário me atravessava emocionalmente e me colocava diante da pergunta: "Será que eu dou conta?"

Esse contexto mexeu com a minha forma de me perceber como futura professora. Eu estava ali à frente, tentando conduzir as aulas, mas me sentia atravessada por um sentimento de impotência. Ademais, mesmo refletindo constantemente sobre estratégias pedagógicas e buscando metodologias ativas e eficazes, a maioria da turma não se engajava. Percebia também, por ocupar o lugar de estagiária, a fragilidade da legitimidade dessa posição dentro da sala de aula.

Uma aula em especial ficou marcada na minha memória. Eu havia preparado tudo com muito zelo: slides, perguntas norteadoras, estratégias de integração. No entanto, naquele dia, os alunos estavam ainda mais dispersos. Apenas duas alunas haviam lido o livro proposto. A maioria estava fazendo barulho. Enquanto eu tentava dar continuidade à aula, uma aluna,

sentada bem próxima a mim, disse: "Não estou conseguindo ouvir nada". Foi então que percebi que nem eu mesma conseguia me ouvir. O barulho da sala era uma linguagem não verbal que me silenciava.

A partir da minha experiência, compreendo que o barulho da sala não é apenas um ruído ou uma simples falta de atenção. Esse barulho coletivo, que impedia minha voz de ser ouvida, revelava algo mais profundo: um silenciamento simbólico que vai além do momento da aula. Esse silêncio carregava um peso que dialogava com uma história de desvalorização da figura do professor, tornando a situação ainda mais desafiadora.

É justamente nesse contexto que percebo o quanto essas situações podem afetar a construção da identidade docente. Se não tivermos consciência disso, podemos acabar assumindo como nossa a culpa por problemas que são muito maiores do que a sala de aula, como se o fracasso educacional fosse responsabilidade só do professor. Para quem está começando, como eu no estágio, essa carga é ainda maior, pois enfrentamos essas tensões enquanto estamos aprendendo a nos reconhecer e construir nossa identidade como educadores.

No entanto, mesmo diante de todos esses desafios, compreendo que não podemos desistir da educação. Afinal, se os docentes e nós, futuros professores, renunciarmos ao magistério, a educação terá os dias contados. Nossa profissão é extremamente importante, ainda que sofra com a desvalorização promovida por diversos discursos e instituições.

É evidente que a educação tem muitos espinhos, mas também carrega uma beleza imensa, pois fazemos muita diferença na vida dos estudantes, e podemos, e devemos, nos alimentar desses gestos que nos lembram, dia após dia, da nossa importância. Mesmo quando a realidade nos confronta e o cotidiano nos impõe experiências marcadas por silenciamentos e discursos desmotivadores, como aconteceu comigo durante o estágio, ainda assim, mantenho a esperança na educação. É necessário esse ato de pensar, de olhar-se no espelho e entender que precisamos melhorar a cada dia a nossa prática pedagógica, encontrando também estratégias mais eficazes para cativar os alunos, especialmente os mais resistentes, pois são justamente esses que mais necessitam da educação.

Contudo, é fundamental não esquecermos o ponto de vista do professor (e do estagiário), cujas identidades vêm sendo fragmentadas, muitas vezes construídas de forma negativa, com a autoestima fragilizada. Por isso, é urgente que políticas públicas reconheçam, social e financeiramente, o papel do educador. Mas, enquanto essa valorização externa não acontece de forma plena, é essencial que cada um de nós mantenha vivo esse processo de fortalecimento interno, de cuidado com a própria formação e com aquilo que nos move.

Portanto, que possamos seguir sem desistir, enxergando a educação como esse espaço de luta, de transformação e de vitória. Além disso, que possamos nos ver como agentes de emancipação, dos nossos alunos, da sociedade e de nós mesmos. Como bem nos lembra Paulo Freire (2014), é preciso esperançar. Mas não o esperançar do verbo "esperar". É o esperançar que se levanta, que constrói, que age. O esperançar que não desiste, mesmo quando tudo à volta parece dizer que não vai dar certo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso prático da formação docente foi profundamente significativo para que eu pensasse sobre o que é ser docente e sobre a construção da minha identidade profissional. Ainda que os desafios tenham sido muitos e, em certos momentos, dolorosos, em nenhum momento enxerguei minha experiência como um fracasso. Muito pelo contrário: vejo esse percurso como um marco essencial na compreensão de mim mesma enquanto futura educadora.

A vivência em sala de aula me possibilitou reconhecer, com mais lucidez, os desafios concretos do ambiente escolar, os discursos que o atravessam e as marcas simbólicas que deixam em quem ensina. Essa experiência me ajudou a compreender que é necessário, sim, dar o meu máximo, buscar estratégias, elaborar práticas pedagógicas que considerem a realidade dos alunos, mas que também respeitem meus próprios limites e fortaleçam minha formação identitária.

Compreendi que não posso permitir que a minha autoestima seja fragilizada pelos ruídos de uma estrutura que, muitas vezes, desvaloriza a docência. Pelo contrário, essa experiência me ensinou que é justamente por haver tanto a ser enfrentado que precisamos continuar.

A partir de tudo que vivi, não saí do estágio menor, saí maior. Porque agora compreendo, com mais maturidade, que a educação é feita de contradições, dores e desafios, mas também de potências, reinvenções e afetos. E é com esse olhar que sigo me formando professora: com desejo de fazer diferente, com coragem para continuar e com fé no papel social que exercemos.

Afirmo, portanto, que o principal objetivo deste estágio, o de me inserir no contexto educacional, articular teoria e prática e fortalecer minha identidade docente, foi plenamente alcançado. Hoje, sigo mais consciente, mais fortalecida e mais comprometida com a educação que desejo construir.

Por conseguinte, espero que experiências como a que vivi possam despertar reflexões futuras sobre a construção de uma identidade docente mais autêntica, mais crítica e mais fortalecida. Desse modo, que possamos, cada vez mais, pensar e formar professores autônomos, donos de si mesmos, de suas vozes e de suas práticas, capazes de compreender os desafios do contexto escolar sem se deixarem esmagar por eles. Porque formar-se docente é também um ato de coragem, de esperança e de luta, e que essa luta nunca nos roube a sensibilidade, a fé na educação e a crença de que, sim, nós somos necessários.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Lúcia Gracia; FERRAZ, Roselane Duarte. **Por trás das lentes**: o estágio como campo de formação e construção da identidade profissional docente. Revista Hipótese, p. e021017-e021017, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 2014.

NÓVOA. António. **O passado e o presente dos professores**. In: NOVOA, António (Org.). Profissão professor. 2 ed. Lisboa: Porto, 1992.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2011.